

Os Riscos de Negociar com os Comunistas

Um homem que fêz parte da primeira delegação dos Estados Unidos às negociações na Coréia recorda as amargas lições aprendidas em Panmunjom, tôdas elas ainda aplicáveis

É RAMOS OS mais graduados oficiais que tinham transposto as linhas de batalha para um encontro com o inimigo comunista a fim de conseguir um armistício na Guerra da Coréia. Desembarcamos dos nossos helicópteros e tomamos os jipes que nos esperavam—jipes americanos capturados. No que embarquei, estava pintado o nome de “Lucy”. Havia um buraco de bala no pára-brisa e o assento estava coberto de sangue sêco.

Cada jipe tinha uma grande bandeira branca. Seguimos lentamente por estradas marginadas por soldados, cujas armas e olhares hostis apontavam para nós. Câmaras dos jornais cinematográficos comunistas estavam filmando tudo. Para milhões de asiáticos e de pessoas do mundo comunista a quem foram exibidas essas cenas, decerto pareceu

que os Estados Unidos tinham ido render-se. As conversações de armistício se iniciaram com essa nota de propaganda e nós aprendemos a nossa primeira lição. Quando se tenta negociar paz com os comunistas, *nunca* se deve concordar no encontro com êles senão em terreno puramente neutro. Quando, na primavera dêste ano, o Govêrno Johnson prometeu falar de paz com os comunista “em qualquer lugar, em qualquer tempo”, foi um êrro terrível que Hanói explorou ao máximo. Durante todo um mês, a propaganda comunista fêz os Estados Unidos parecerem mentirosos perante o mundo antes mesmo que as conversações se iniciassem em Paris.

Em julho de 1951, os Estados Unidos poderiam talvez ser perdoados por ignorância. Não tínhamos qualquer experiência anterior de nego-

ciar o fim de uma guerra com os comunistas. Presumíamos que êles tinham intenção de negociar de boa fé, como nós. Em vista disso, permitimos que a nossa natural paciência por ver a guerra terminada prevalecesse sôbre o raciocínio.

No comêço do verão de 1951, as fôrças das Nações Unidas, compostas principalmente de tropas americanas, dominavam amplamente a guerra. O inimigo estava gravemente atingido e, no dia 23 de junho de 1951, Jacob Malik, embaixador soviético junto à ONU, fêz saber que os comunistas poderiam estar dispostos a uma cessação de fogo ao longo do Paralelo 38, a linha da qual haviam lançado a sua invasão do sul. Agindo por instruções de Washington, o General Matthew Ridgway, Supremo Comandante das Fôrças da ONU, perguntou ao alto comando inimigo, por meio de transmissões de rádio, se desejava conversações de trégua. Em caso afirmativo, Ridgway propunha que representantes de ambos os lados se encontrassem a bordo do navio-hospital dinamarquês *Jutlandia*. Declarava-se pronto a levar o navio para o pôrto de Wonsan, controlado pelo inimigo, de modo que os comunistas pudessem, se assim o desejassem,

passar a noite em terra. A proposta parecia mais do que razoável.

Extremos Ridículos. No dia seguinte, os comunistas concordaram em encontrar-se conosco desde que fôssemos a Kaesong, cidade sôbre o Paralelo 38 que estava em poder dêles. Chegou-se à decisão de que não tinha verdadeiramente importância o *lugar* onde conversássemos, desde que conversássemos e o fogo pudesse terminar. Concordamos, portanto, em encontrarmo-nos com o inimigo em terreno dêle. Aprendemos sem demora que os comunistas consideram qualquer concessão dessa natureza sem reciprocidade um sinal de importante fraqueza—militar, política, moral ou tôdas as três—e, depois de conseguirem a primeira, passam a exercer pressão com a firme esperança de conseguirem muitas outras.

Os comunistas, naturalmente, agiram como se não pudessem compreender o nosso profundo desprazer com a recepção que tivemos em Kaesong. E não haviam encerrado os seus esforços para conseguirem vantagens. No primeiro dia, as delegações se sentaram em cadeiras comuns de sala de jantar, uma diante da outra em tórno de uma mesa. Não nos ocorreu a idéia de que éramos mais altos do que os comunistas até que nos sentamos de nôvo depois do almoço e descobrimos que as pernas de nossas cadeiras tinham sido serradas, de modo que estávamos quase sentados no chão, olhando para êles lá em cima! Nosso principal delega-

O ALMIRANTE ARLEIGH A. BURKE tornou-se famoso como um arrojado e pitoresco comandante de contratorpedeiro durante a Segunda Guerra Mundial, e depois foi um destacado Chefe de Operações Navais (1955-61). Atualmente é diretor do Centro de Estudos Estratégicos na Universidade de Georgetown, em Washington.

do, o Vice-Almirante C. Turner Joy, exigiu novas cadeiras, mas, quando as conseguimos, os comunistas tinham mais metragem de filme. Havíamos aprendido outra lição preciosa: os comunistas irão literalmente aos mais ridículos extremos para conseguir uma vantagem de propaganda. Começou então a maior de todas as farsas, as negociações. Acreditávamos que se chegaria, dentro de um mês no máximo, a um acordo sobre as condições necessárias a uma cessação do fogo, depois do que se poderia extrair um tratado de paz. Mas houve necessidade de 10 longas e agitadas sessões para a elaboração apenas de uma agenda sensa-

ta e, em seguida, começou o verdadeiro impasse.

Tentamos um acordo com base no princípio de que a linha de trégua devia ser aproximadamente a linha de batalha na ocasião em que se assinasse um armistício. Disseram-nos que tínhamos de concordar numa retirada imediata para o outro lado do Paralelo 38. Nós estávamos em mais de dois terços da frente de combate bem ao norte desse paralelo e não tencionávamos absolutamente bater em retirada. A aceitação do paralelo como a linha de demarcação, com as forças comunistas logo do outro lado, seria o abandono de uma posição sólida conseguida à custa de muito sangue e o oferecimento a um inimigo agressivo de uma tentação para a invasão, tentação essa que já se mostrava irresistível para êle.

O Jôgo de Espera. Repeliram todos os nossos argumentos e continuaram a exigir que negociássemos dentro das condições dêles. Não se afastavam dessa posição. A guerra prosseguia e os homens—tanto os dêles como os nossos—não paravam de morrer. Ao mesmo tempo, faziam-se ingentes esforços para voltar a opinião pública contra os Estados Unidos. Alegava-se que a nossa absurda atitude poderia provocar outra guerra mundial. Resistíamos, sabendo muito bem que o caminho mais curto para a guerra é o apaziguamento dos agressores.

Incapazes de conseguirem quaisquer concessões da nossa parte quan-



to à linha de demarcação, os comunistas continuaram com a pressão da propaganda. À mesa da conferência, êles faziam freqüentemente longos discursos contra o poder naval e aéreo dos Estados Unidos, afirmando que só o usávamos para matar civis. Respondíamos que, desde que êles tangiam civis à frente de operações militares, transformavam escolas e residências particulares em quartéis militares e de outras formas violavam frontalmente as regras da guerra relativas ao tratamento dos civis, eram êles e não nós os culpados das suas baixas civis.

E assim seguiam as conversações — sem rumo. O impasse dos comunistas se baseava na certeza que tinham de que a nossa vontade nacional e o moral das nossas fôrças de combate acabariam por entrar em colapso e de que então pleitearíamos a paz dentro das condições que êles queriam. Estavam dispostos a esperar interminavelmente e em condições de assim proceder porque tínhamos dado ordem às nossas fôrças para que se limitassem a manter a linha em que estavam. Cometemos o mesmo êrro no Vietname, reduzindo acentuadamente a nossa campanha aérea contra o Norte, que estava arruinando a economia do inimigo, sem obter em troca qualquer concessão.

A nossa evidente impaciência por acabar com a guerra dava aos comunistas motivos de sobra para crer que o seu jôgo de espera daria resultado e que nós cederíamos e paga-

ríamos o preço que desejavam. Levaram dois meses para compreender que não lhes daríamos uma linha de demarcação enquanto não fôsse assinado um armistício. Chegara o tempo para êles de uma mudança de tática.

Bombardearam em plena meia-noite a zona “neutra” de Kaesong e nos acusaram de ter efetuado o bombardeio a fim de matar os seus delegados, e interromperam abruptamente as conversações. Acreditavam que essa manifestação de truculência da sua parte criaria nos Estados Unidos uma onda de opinião que nos forçaria a voltar à mesa da trégua para aceitar suas condições. Não deu resultado. Voltamos a aplicar a pressão militar. Uns dois meses depois solicitaram o reinício das negociações. Negamo-nos a voltar a Kaesong, sob domínio comunista, onde não podíamos nem locomover-nos sem permissão. Concordaram em encontrar-se conosco perto de Panmunjom, 10 quilômetros ao sul de Kaesong. O lugar ficava entre as linhas de frente e proporcionava uma atmosfera mais neutra.

“**Estão Mentindo!**” O general do Exército americano Henry I. Hodes e eu nos encontramos com os delegados comunistas para tentar romper o impasse. Depois de muitas discussões, resolvemos determinar a localização da linha de batalha. Hodes e eu tomamos um avião e percorremos a Coréia, fazendo um levantamento de tôda a linha. Fomos a Panmunjom sabendo das posições

exatas das forças de ambos os lados e começamos a apontá-las no mapa.

—Nós estamos de posse da Colina 874—começamos.

—Vocês estão mentindo—disseram-nos.

—Nós estivemos nessa colina ontem—dissemos—e falamos com o nosso comandante hoje de manhã.

—O seu comandante está mentindo—disseram êles.

Ao fim de seis horas, a discussão não havia dado resultado. Soube-mos naquela noite que pouco antes de chegarmos a Panmunjom, o inimigo, sabendo que pretendíamos começar por aquêle lado da península, tinha lançado um violento ataque com ondas de homens à Colina 874, e a tinha tomado. Em Panmunjom, na manhã seguinte, os nossos oponentes estavam radiantes. Levaram duas horas explicando-nos que sabiam que todos éramos mentirosos e que poderíamos poupar tempo aceitando a versão dêles da linha de batalha. Tomamos precauções contra a repetição dessa tática, mandamos estender linhas telefônicas até ao local das negociações. Tentamos então continuar.

—Nós ocupamos a Colina 762—dissemos.

—Não, não a ocupam—disseram êles.—Estão mentindo de nôvo.

Telefonei para o comandante do corpo.

—O senhor vai sofrer dentro de alguns minutos um ataque à Colina 762. Repila o ataque e ocupe parte do território em poder do ini-

migo ao norte. Depois disso, telefone-nos.

Telefonou-nos dentro em pouco para dizer que o ataque fôra efetuado e que êle procedera de acôrdo com as instruções. As coisas continuaram assim durante várias semanas. Negociamos a localização da linha de batalha à força, ponto por ponto e lentamente através de tôda a Coréia.

—Aceitem êsse ponto, intermediário entre as nossas linhas, como a presente linha de batalha—dizíamos—e nós concordaremos em que essa é a presente linha de batalha. Amanhã não aceitaremos mais êsse ponto. Já estaremos mais de um quilômetro ao norte.

Os comunistas não aceitavam e no dia seguinte avançávamos um quilômetro e meio. Pretendíamos ir apertando o torniquete até que êles se dispusessem a discutir a trégua numa base razoável. Era a única linguagem que êles compreendiam e nós sabíamos que, do jeito pelo qual as coisas iam, isso não demoraria muito—já estavam chegando às reuniões de cabeça baixa.

Sob Ordens. Por fim, certa manhã, o inconcebível aconteceu. Os comunistas voltaram à sua posição antiga, intratáveis e rudes. Disseram-nos que tínhamos de aceitar a linha de batalha do momento como linha de demarcação. Era essa a sua posição definitiva; não queriam mais discussões. O mundo teria a impressão de que êles estavam fazendo uma grande concessão por não

exigirem mais o Paralelo 38 como a linha de demarcação. Na realidade, não havia nenhuma concessão. O debate se travava em torno não do Paralelo 38, mas da idéia de fixar qualquer linha de demarcação até à assinatura de um armistício. Teria sido rematada loucura concordarmos, pois isso reduziria as nossas chances de obter condições aceitáveis e asseguraria o prolongamento da guerra com maiores sacrifícios de vidas.

Mas naquela noite recebemos de Washington ordem de aceitar a linha de demarcação dos comunistas. Pesarosamente, Hodes e eu concordamos em assim proceder desde que fôssemos dispensados de continuar participando das conversações da trégua. Não queríamos qualquer ingerência nas negociações que tínhamos certeza de que seriam prejudiciais para o nosso país. Ridgway compreendeu. Na manhã seguinte, cedemos aos comunistas quanto à questão da linha de demarcação e, alguns dias depois, deixamos a Coreia.

As negociações continuaram, é claro, em outras mãos. Washington acreditava que a nossa concessão induziria os comunistas a uma atitude razoável. Em vez disso, a concessão galvanizou a posição de negociação dos mesmos. E as conversações foram-se arrastando assim até que Washington concordou com a nossa delegação no sentido de interrompê-las. Recomeçamos a batê-los em combate e continuamos até que

os comunistas nos pediram que voltássemos.

Só obtivemos a cessação do fogo na Coreia depois que um nôvo governo americano mandou dizer ao inimigo que, se não assinasse o acordo quanto antes, recomenciaríamos as hostilidades em escala muito maior, sem reconhecer como santuário a Mandchúria ou a própria China Vermelha. A nossa advertência foi acentuada com a insinuação de que poderiam ser empregadas armas nucleares. Tudo era simples assim, como sempre foi e ainda é. Não devemos ter receio de que a nossa firmeza possa provocar uma guerra maior. Se os soviéticos vierem um dia a fazer guerra aos Estados Unidos, isso acontecerá por um motivo: a convicção de que poderão vencer com perdas aceitáveis. Talvez estejam aproximando-se desse ponto, mas ainda não o atingiram.* E a China Vermelha, repleta de agitação interna, tem mais a perder intervindo no Vietname do que tinha quando interveio na Coreia—criando dentes nucleares que nós poderemos extrair da noite para o dia.

Sem Esperança de Paz. As negociações coreanas constituíram, em geral, um desastre para os Estados Unidos. Aproximamo-nos do inimigo de maneira excessivamente ansiosa, recolhemos os nossos tentáculos militares cedo demais e fizemos concessões desnecessárias e custosas uma atrás da outra. As con-

* Ver "A Ameaça do Crescente Poderio Estratégico da Rússia", Seleções, maio de 1968.

versações da trégua se estenderam por dois anos e 17 dias. No decurso dêsse tempo, sofremos muitos milhares de baixas mais e concordamos com muito menos do que as melhores condições de armistício. Por isso, ainda estamos—18 anos depois—mandando uma delegação militar de armistício a Panmunjom, mas apenas para trocar acusações, insultos e injúrias com os comunistas e já sem qualquer esperança de que se consiga na Coreia uma verdadeira paz.

As seguintes lições de Panmunjom são vitalmente importantes:

- Reconhecer que os comunistas consideram a mesa da conferência como parte do campo de batalha, uma plataforma de propaganda na qual tentarão ganhar o que não conseguiram no campo de luta. Nunca fazer uma concessão para a qual não haja exata e total reciprocidade.

- Insistir em que uma trégua aceitável deve ser conseguida dentro de

um espaço de tempo breve e especificado. Diante da procrastinação do inimigo, não hesitar em interromper as conversações.

- Nunca ter medo de ameaçar com nova força militar se isso parecer necessário e estar sempre preparado para concretizar a ameaça. Sejam quais forem as intenções, nunca prometer que não serão usadas armas nucleares; não há razão para livrar o inimigo dessa preocupação.

- Exigir que o inimigo se mostre digno de confiança por meio de atos. Nunca presumir que é possível em qualquer hipótese acreditar na sua palavra.

- Reconhecer que, em vez de provocar uma guerra mundial, uma firme posição nas negociações tornará essa guerra menos provável.

Provamos aos comunistas em Panmunjom que o crime, se não compensa, ao menos não custa muito e, em certas circunstâncias, vale bem o esforço.



Anjo Anunciador

ERA O PRIMEIRO presépio de Judy, e, como tôda garôta de cinco anos, estava muito entusiasmada por participar da cena do estábulo. Subiu ao palco agarrada ao seu presente, e ficou olhando maravilhada para a cena diante de seus olhos: Maria, José, os magníficos Reis Magos, pastôres, animais, todos agrupados em volta do berço singelo. Seu rosto iluminou-se, ansioso, quando ela se aproximou do berço e seus olhos arregalaram-se, maravilhados. Não contendo sua alegria, virou-se para a congregação e disse, em voz alta:

—Mamãe, papai . . . Maria teve o bebê. É menino!

—R.A.D.